



12. Versão do Machico, Sítio do Paraíso (concelho do Machico),  
recitada por Lídia Franco, 65 anos, ajudada por Fátima Franco Martins, 26 anos.  
Recolhida por Vanda Anastácio e Pere Ferré, no dia 22/08/1983.

(...) (...)   
Acordou o seu pai da cama com o motim que fazia.  
2 – O que tendes, ó Silvana, o que tendes, filha minha?  
– Já as barriguinhas me crescem e os vestidinhos me são curtos,  
4 olhe, ó senhor pai, é tempo de me dar marido.  
– Eu aqui na corte não sinto quem te sirva p'ra marido,  
6 só se fosse conde Elalves, mas é casado e tem família.  
– É mesmo esse, meu pai, que promessas me dizia,  
8 o pai que o mande-o chamar [.....]  
que, no meio do jantar, eu nisso tocaria.  
10 – Não te lembras, conde Elalves, promessas daquele dia,  
debaixo de um rosal verde, ao pé de uma fonte fria,  
12 tu em mangas de camisa, eu em faldrinha tremia?  
– Não me lembra tais promessas, nem eu as permitiria,  
14 bem sabes que eu sou casado, tenho mulher e família.  
– Vai-te embora, conde Elalves, deixemos esta porfia,  
16 vai matar tua mulher, p'ra honra da minha filha.  
– Minha mulher eu não mato, que ela culpa não teria.  
18 – Vai matar tua mulher, p'ra honra da minha filha.  
– Minha mulher eu não mato, que ela a culpa não teria,  
20 mandarei-a p'ra castelo, seu pai a sustentaria.  
Os meus filhos e os dela eu com ela levaria,  
22 cartas que ela me mandasse, o lume as queimaria.  
– Vai-te embora, conde Elalves, deixemos desta porfia.  
24 – Minha mulher eu não mato, que ela culpa não teria,  
mandarei-na deitar na serra, os bichos a matariam.  
26 – Vai-te embora, conde Elalves, [.....]  
matar a tua mulher p'ra honra da minha filha.  
28 – Minha mulher eu não mato, que ela culpa não teria,  
mandarei deitar no mar e os peixes a comeriam.  
30 – Vai-te embora, leva esta bacia,  
p'ra me trazeres a cabeça nesta dourada bacia.  
32 A porta já estava aberta, o conde não entrava.  
– Traga-me a viola, senhora, vontade de eu tocar trazia.  
34 A viola estava dada, o conde não tocava.  
– Ponha-me a mesa, senhora, vontade de comer trazia.  
36 A mesa já estava posta, mas o conde não comia;  
as lágrimas do conde Elalves dentro do prato retenia.  
38 – Faça-me a cama, senhora, vontade de dormir trazia.

A cama já estava feita, mas o conde não dormia.  
40 Pois, neste mesmo instante, o rei à porta batia.  
– Se a condessa não é morta, o rei mesmo a mataria.  
42 – A condessa não é morta mas já está nessa agonia.  
– Conta-me das tuas mágoas como contas de alegria.  
44 – O que é que eu te posso contar [.....]  
se o rei te manda matar, p'ra honra da sua filha?  
46 – E o que foi que eu fiz 'ò rei e também à sua filha?  
– Se a condessa não é morta, o rei mesmo a mataria.  
48 – A condessa não é morta mas já está nessa agonia.  
– Antes que tu me mates, [.....]  
50 deixa-me dar um passeio da casa até à cozinha.  
Adeus, moças, adeus, belas, adeus, flores de cravinho.  
52 Antes que tu me mates, [.....]  
deixa-me dar um passeio de casa até ao jardim.  
54 Adeus, moças, adeus, belas, adeus, flores de jasmim.  
[.....] Foi da casa até à cozinha  
56 – Adeus, moças, adeus, belas, adeus, flores de cravinho.  
[.....] Foi da casa até 'ò jardim.  
58 – Adeus, moças, adeus, belas, adeus, flores de alecrim.  
Não me mates às facadas nem às aguadas frias,  
60 afoga-me com o teu cinto que eu te trouxe de Gentilhas.  
Mamai, menino, mamai, este leite amagoado,  
62 hoje tens o teu pai conde, amanhã é rei coroado.  
Mamai, menino, mamai, este leite de agonia,  
64 hoje tens a tua mãe, amanhã na terra fria.  
Que responde o menino que mama, coisa que nunca dizia?  
66 – Foi o rei que morreu ontem e Silvana, a sua filha.  
Um castigo que Deus deu, [.....]  
68 descasar os bem casados é coisa que Deus não queria.

Ferré/Boto (2008) 218-219

063-439-001